

ANGOLA  
As Ricas-Donas

ISABEL VALADÃO

ANGOLA  
As Ricas-Donas



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

*Às minhas filhas, Margarida e Teresa*  
*A Luanda, cidade do meu coração*

DONAS DO OUTRO TEMPO  
(SOBRE UMA VELHA FOTOGRAFIA)

Vejo-as neste retrato amarelado:  
Como estranhas flores desabrochadas  
Negras, no ar, soltas, as quindumbas.  
Panos garridos nobremente postos  
E a posição hierática dos corpos.

São três sobre as esteiras assentadas  
Numa longínqua tarde de festejo.  
(Tinha ancorado barco lá no rio?  
Havia bom negócio com o gentio?  
Celebrava-se a santa milagrosa  
Tosca, tornada cúmplice de pragas  
Carregada de ofertas, da capela?)  
A seu lado, sentados em cadeiras,  
Três homens de chapéu, colete e laço.  
Botinas altas, botas de cheviote.  
Donas do tempo antigo, que perguntas  
Poderia fazer aos vossos olhos  
Abertos para o obturador da fotográfica?  
Senhoras de moleques e discípulas  
Promotoras de negócios e quitandas  
Rendilheiras de jinjiquita e lavarindo  
Donas que percebíeis a unidade  
Íntima, obscura, do mistério e do desígnio  
Atentas ao acaso que é a vida  
(Há sopros maus no vento! Gritos maus  
No rio, na noite, no arvoredol!)  
E que, porque sabíeis que a vida é larga e vária

E vários e largos os caminhos possíveis  
A nova fé vos destes, confiantes,  
O que ficou de vós, donas do outro tempo?  
Como encontrar em vossas filhas de hoje  
A vossa intrepidez, a vossa sabedoria?  
Os tempos são bem outros e mudados.  
A tarde da fotografia, irrepitível.  
Água do rio Cuanza não pára de correr  
Sempre outra e renovada.  
E dessa fotografia talvez hoje só exista  
Na vilória onde as casas são baixas e fechadas  
E têm corpo, pesam, as sombras e o calor  
A sombra farfalhante da mulemba  
Que vos deu sombra e fresco nesse Domingo antigo.

Mário António Fernandes de Oliveira (1934-1989)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> in *Chingúfo* (p. 63) e *100 Poemas* (p. 108).

## **Dona Anna Joaquina dos Santos e Silva**

*«Todos os que frequentam aquelas costas conhecem a poderosa Dona Anna, que exhibe riqueza às mãos largas, exibindo sempre um crescente e libidinoso desejo, caprichos depravados e nefandas acções. Sempre envoltas em mistério, sucedem-se tramas duvidosas e encober-tas. Ela conta com o apoio dos mais potentes sobas e com a veneração das populações gen-tias que lhe chamam de sua rainha, porque ela fala diferentes línguas e possui na sua casa um empório do comércio com esses povos. Ela dita leis e embora resida em Loanda, é obedecida por tribos mais distantes. Ninguém ousa opor-se a seus desejos e mesmo o governo em Loanda não tem poder para afrontá-la e, enquanto isso, ela vai fortalecendo o seu poder, justificando a depredação e a prepotência e escudando-se, assim, no seu poder.»<sup>1</sup>*

## **Dona Anna Francisca Ferreira Ubertyaly**

*«Esta mulher, nascida no Interior de África, foi trazida como escrava para Loanda, onde vive actualmente com grande luxo, graças a prosperidade de seu comércio de escravos. Devo, em justiça, dizer que ela trata as vítimas de suas especulações com uma grande hu-manidade. Entre os grandes traficantes de escravos de Loanda, esta negra que foi primei-ro escrava, uma vez obtida a liberdade, estudou o português com tanto sucesso, que não só nele é fluente, como possui a sua correspondência e seus livros de comércio nesta língua.»<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Tito Omboni, *Viaggi nell' Africa Occidentale*, Milano: Civelli, 1846, p. 100 (tradução literal pela autora).

<sup>2</sup> M. G. Tams, *Visite aux possessions portugaises à la côte occidentale d'Afrique*, Annales Martimes et Coloniales, Tomo IV, p. 540 (tradução literal pela autora).

## PREFÁCIO

Dona Anna Joaquina dos Santos e Silva e Dona Anna Francisca Ferreira Uberty foram duas mulheres luso-africanas ou crioulas que «reinaram» na cidade de Loanda, onde eram figuras respeitáveis, ricas e poderosas, detentoras de vastas propriedades e de imensas fortunas e pertenceram à classe das donas, que se destacou no século XVII, dominou durante todo o século XVIII e atingiu o seu apogeu no século XIX.

As ricas-donas de Loanda tinham o mesmo tom de pele escura e caracterizava-as um tronco genético comum — as famílias mistas ou crioulas, embora, numa primeira geração, as mães dessas mulheres, negras, pardas ou mestiças, fossem conhecidas apenas pelo seu nome próprio. Casavam legalmente ou «conforme os usos da terra» com homens de origem europeia, negociantes, militares e funcionários da Coroa e as filhas resultantes dessas uniões, em segunda geração, adquiriam já o direito ao título de «Dona». Também se podia dar o caso de mulheres negras adquirirem esse título pelo casamento com um europeu.

As donas possuíam, regra geral, grande espírito empreendedor e singravam num mundo hostil, maioritariamente masculino, estavam à frente de grandes empresas comerciais atlânticas, eram proprietárias de frotas de navios de longo curso e administravam agências comerciais entre Angola e o Brasil. Longevas, sobreviviam quase sempre a um considerável número de cônjuges, aumentando, em cada vivuvez, as suas fortunas e poderio. Delas se falava com mais ou menos deferência, consoante o poder e influência que detinham na sociedade loandense, a sua natureza e a natureza dos seus negócios.

Algumas dessas mulheres viriam a afirmar-se na Loanda oitocentista, cenário onde circulavam e desenvolviam a sua actividade e, muitas vezes, os seus mandos e desmandos.

Respeitadas umas, temidas outras, não só na cidade mas também no *Hinterland*<sup>1</sup> da colónia angolana, o então denominado «sertão», os seus negócios abarcavam diversas áreas, desde o pequeno comércio retalhista ao grande tráfico atlântico, e eram proprietárias de imóveis dentro da cidade e de arimos<sup>2</sup> e fazendas na sua periferia e também numa faixa interior do território, sob domínio português.

A cidade de Loanda durante esse lapso de tempo, entre os séculos XVIII e XIX, alternaria períodos de grande desenvolvimento com outros de pura estagnação, consoante os governos vigentes no Reino e suas diferentes políticas ultramarinas e, por consequência, dependentes do papel desempenhado pelos governadores designados para gerir os destinos da colónia.

Tal como vinha acontecendo já desde o século XVII, três constantes marcariam a história de Loanda: o tráfico atlântico da escravatura, a deportação ou degredo de criminosos para Angola e a superioridade das famílias crioulas, ou luso-descendentes, às quais pertenciam essas mulheres, e que eram praticamente as únicas detentoras do monopólio desse tráfico.

As estórias destas mulheres acabariam por se fundir com a história da cidade de Loanda e não será possível dizer com propriedade como teriam sido as suas vidas. Assim, para este romance, reinventei situações e dramatizei acontecimentos. Partindo de imagens e de factos reais, deixei a imaginação fluir e as estórias converteram-se por vezes em coisas diferentes daquilo que verdadeiramente teria acontecido. Porém, embora ficcionadas, estas poderão ter sido as estórias das ricas-donas de Loanda.

---

<sup>1</sup> Território do interior.

<sup>2</sup> Quintas, fazendas, propriedades.

## PORTUGAL E ANGOLA NO CONTEXTO ATLÂNTICO DO SÉCULO XIX

Em Portugal, todo o século XIX ficaria marcado por um longo período de crise e de convulsões políticas, que começaria logo em 1807, com a fuga para o Brasil da corte portuguesa, na sequência do Bloqueio Continental decretado por Napoleão Bonaparte e das subsequentes Invasões Francesas. Grandes revoluções, convulsões e mudanças no Reino tiveram, naturalmente, repercussões nas colónias e também a Angola chegava o eco, mais ou menos amortecido, dos conflitos que se iam verificando na Europa, onde tinham já começado a surgir, implementados pelos ventos humanistas do iluminismo, os movimentos para abolir a escravatura nas colónias das diversas potências europeias. Desde o início daquele século que se assistia a uma viragem política e de mentalidades e o grande impulsionador da abolição da escravatura seria o liberalismo.

Angola passaria por uma conjuntura profundamente turbulenta, especialmente desde 1836, com a luta para o fim e, ao mesmo tempo, a manutenção do comércio da escravatura, em torno do qual girava toda a sua vida económica e na qual tomavam parte as grandes figuras da sociedade loandense, os ricos comerciantes e as ricas viúvas comerciantes, mulatas e negras. A situação da colónia reflectia a instabilidade que se fazia sentir na metrópole, registando por vezes uma completa ausência de lei, quase de anarquia. As autoridades procuravam impor as novas directivas, sem resultados práticos, esbarrando na força dos traficantes de escravos, pouco escrupulosos, bem como na de outros agentes negreiros de origem europeia ou pardos, os

degredados e os lançados<sup>1</sup>, completamente imersos no rendoso comércio de seres humanos.

No comércio da escravatura, Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda desempenharam um destacado papel, estabelecendo relações comerciais com as diversas sociedades africanas. Entre o século xv e meados do século xviii, seriam os Portugueses a dominar o comércio do *bois d'ébène* — nome que os negreiros davam aos escravos em toda a costa africana —, ditando as regras do mesmo, e só em finais do século xix essa dominação cessaria, graças à intervenção naval da Inglaterra, que conduziu, finalmente, à total proibição do tráfico negroiro em todo o mundo atlântico.

---

<sup>1</sup> O mesmo que pumbeiros.

## KASSANJE, 1804 — A «FÁBRICA» DOS ESCRAVOS

A quibuca<sup>1</sup>, constituída por cerca de uma centena de escravos, escoltada por uma coluna militar mista, avançava com alguma dificuldade pelo terreno intensamente arborizado, procurando trilhar o caminho já aberto por centenas de outras caravanas antes dela. A expedição era proveniente da real feira de Kassanje, o mais importante pumbo<sup>2</sup> de escravos de toda aquela região, e mesmo de toda a colónia de Angola.

A comandar a força mista de duzentos homens estava o jovem Velasco. A coluna era composta por soldados de linha e moradores<sup>3</sup> do Pungo Andongo, de Ambaka e do Duque de Bragança, reforçada por súbditos de um régulo de Cambambe, à frente dos quais vinha o seu primogénito, apoiada por peças de artilharia ligeira de diversos calibres. O capitão-mor Félix Velasco Galiano era o regente do presídio do Pungo Andongo, e uma semana antes fora chamado a Loanda pelo governador-geral, Fernão António de Noronha, para ser encarregado de uma delicada missão.

Filho de uma antiga e tradicional família luso-africana, há muito radicada em Loanda, Velasco Galiano atingira já um posto elevado no exército graças à sua bravura e espírito aventureiro, evidenciados em diversas operações de pacificação dos povos do interior, que se rebelavam constantemente contra a Coroa de Portugal, e a sua ainda curta carreira militar tinha-o guindado à importante posição de

---

<sup>1</sup> Caravana de escravos.

<sup>2</sup> Feira de escravos.

<sup>3</sup> Os habitantes, normalmente mercadores, nativos do país ou há muito ali residentes, onde já haviam criado raízes.

regente do presídio de Mpungo-a-Ndongo. Fisicamente era um homem bem-parecido, alto, corpo musculoso, feições correctas, pele crestada pelo sol do sertão que não disfarçava, porém, as raízes crioulas da sua origem. O uniforme do exército português caía de modo elegante sobre a sua figura angulosa.

Perfilou-se, hirto, diante da vasta escrivaninha de pau-preto que ocupava na totalidade uma parede do gabinete parcamente mobilado do governador-geral, decorado apenas com alguns cadeirões de couro e nas paredes retratos a óleo da rainha D. Maria I e do príncipe D. João VI. Com um gesto afável, António de Noronha mandou-o sentar, dando início à conversa.

— Capitão, esta será uma expedição de socorro à feira de Kas-sanje, e tem como objectivo apaziguar o jaga<sup>1</sup> Malange a Ngonga, também conhecido por D. Pascoal Rodrigues<sup>2</sup>, que, mais uma vez, nos está a criar problemas. Mas é uma missão delicada e por isso tem de ser dissimulada sob o disfarce de uma embaixada diplomática.

Quedou-se em silêncio durante alguns instantes, observando o oficial. Depois, estendeu o braço e pegou na pequena campainha de prata sobre a secretária. Ao seu toque surgiu um camareiro fardado a quem Noronha dirigiu um sinal, apontando para uma pequena mesa com várias garrafas de aguardentes. Era um gesto raro no protocolo do governador, que deu a Galiano a percepção da importância que Noronha atribuía àquela audiência. As bebidas foram servidas e o criado desapareceu de modo tão silencioso como chegara. Era justamente naquele ambiente quase informal que Noronha se dispunha a conversar com o jovem oficial sobre o verdadeiro significado da empresa que lhe entregava e o que estava em causa na sua execução bem-sucedida ou o que ficaria em causa em caso de insucesso. O governador prosseguiu o seu discurso.

---

<sup>1</sup> Ou imbangala; nome aplicado pelos Portugueses ao povo do reino de Kassanje. Segundo David Birmingham, jaga e imbangala são dois povos diferentes (ver nota explicativa no fim do livro).

<sup>2</sup> Os nomes em português de todos os chefes jagas foram até certa altura, segundo as fontes, D. Pascoal, ou Rascoal.

— É imperioso que obtenha desse jaga Malange a Ngonga a garantia da manutenção da feira, bem como a promessa de pôr termo às constantes violências por ele perpetradas contra os comerciantes portugueses lá estabelecidos. Ele terá de enviar uma embaixada a Loanda, que venha preparada para assinar novos acordos que o obriguem a mudar os seus comportamentos para com as populações, dos quais resulta uma instabilidade inaceitável para os interesses da Coroa e um desafio à nossa autoridade. Estou farto dos seus desmandos e tropelias. Você vai mandatado para nomear o novo director da feira, o Domingos Pereira Bravo, na condição de ele lhe garantir firmeza e determinação em se impor vigorosamente ao jaga. Ou isto fica resolvido assim, ou terei de ordenar o encerramento da feira. Fazemo-la no Bondo e acabamos com isto! Já foi aberta outra em Mucari, que vai ser dirigida pelo coronel Honorato da Costa, que abandonou o posto de director em Kassanje.

Fernão de Noronha tinha a certeza de que o estado de Kassanje era de fundamental importância económica para a colónia, pela existência daquela feira, a que se somava o valor estratégico como aliado poderoso do seu governo. Eliminar deste cenário os problemas provocados pelos desmandos constantes dos chefes jagas, sem pôr em causa o equilíbrio das relações existentes, parecia-lhe constituir um risco aceitável. Era com esse pensamento que instruía Galiano para a sua realização urgente.

O estado de Kassanje tinha sido formado no início do século XVII, por povos emigrantes da Lunda, tendo sempre mantido contacto estreito com os chefes daquele reino, os *mwata yanvo*<sup>1</sup>. No final do mesmo século, era o mais forte estado africano perto da costa e o mais antigo aliado dos Portugueses. No início do século XIX, a feira de Kassanje era também e por isso de vital importância para a Coroa de Portugal, pois dali procediam todos os escravos que abasteciam o tráfico transatlântico.

---

<sup>1</sup> Muatiãvua, imperador da Lunda; rei, o senhor de todas as terras.

A aldeia de Kassinje, onde se situava a celebrada feira, era a residência do comandante ou director da mesma, português, assistido por alguns soldados não remunerados. As casas eram construídas irregularmente e não formavam arruamentos. No entanto, existiam cerca de quarenta casas respeitáveis, com grandes jardins anexos cultivados com os vegetais e as frutas comuns num clima tropical e dispostos de acordo com a tradição portuguesa. Os mercadores e comerciantes ali residentes eram prósperos e viviam em grande estilo, com uma mesa farta e abastecidos de mercearias disponíveis em Loanda que visitavam uma vez em cada ano para delas se reabastecerem. Havia poucas mulheres brancas e, em consequência disso, os portugueses formavam alianças com mulheres de cor e mestiças, manifestando-lhes, e aos seus descendentes, as crianças resultantes destas ligações, grande afeição.

As quebras de relações entre o reino de Kassinje e a Coroa portuguesa eram constantes, arrastando-se mesmo dos séculos anteriores, provocando graves prejuízos, não só aos feirantes, como aos comerciantes que, na capital, Loanda, detinham o negócio do tráfico de escravos. Tudo acontecia porque os jagas reinantes, embora vassallos da Coroa de Portugal, pretendiam manter o monopólio do rendoso tráfico, que fazia convergir para os seus domínios todos os escravos provenientes dos reinos circundantes. Ali, funcionava uma verdadeira «fábrica» de escravos e os soberanos jagas e os seus macotas<sup>1</sup> e tendalas<sup>2</sup>, os principais notáveis, tinham o total domínio das trocas, recebiam dos comerciantes ou dos seus lançados as mercadorias europeias transportadas da capital, que redistribuíam pelos sobas sob a sua submissão, entregando em troca aos mercadores os escravos na sua posse. O jaga chegava a deter na sua banza<sup>3</sup>, continuamente, mais de mil escravos.

Terminada a reunião, foi já pela hora das vésperas, que os sinos anunciavam na Igreja de Jesus contígua ao palácio, que Galiano saiu da audiência que viria a determinar o seu destino de militar e o seu

---

<sup>1</sup> Conselheiro, ancião, mais velho.

<sup>2</sup> Primeiro conselheiro do estado.

<sup>3</sup> Aldeia principal.

futuro. Havia nele o ar de uma estranha inquietação quando se dirigia ao portão do palácio, onde um moço de estrebaria o aguardava com o cavalo que ali o levara algumas horas antes. Iniciou a sua missão dois dias depois daquela conversa com o governador.

Quando o pelotão que comandava se aproximou das ilhas do Kwanza, um conjunto de ilhotas situado a sul das rochas de Mpungo-a-Ndongo que já havia servido de esconderijo a Nzinga Mbandi dois séculos antes, e onde continuavam a acoitar-se escravos em fuga, Galiano ordenou um assalto para a captura de homens que utilizaria no carregamento de mercadorias durante a expedição mas, sobretudo, para afirmar a autoridade de que estava investido naquela missão e com isso enviar ao jaga um primeiro sinal da sua determinação em dar-lhe cumprimento exemplar. E, de facto, a notícia desse feito precedê-lo-ia.

Chegou a expedição a Kassanje ao cair de uma noite diluviana e o capitão fez-se imediatamente anunciar ao jaga como enviado pelo Muene Puto<sup>1</sup> junto de D. Pascoal Rodrigues, tendo-lhe apresentado as suas credenciais ainda antes dos primeiros alvares do dia seguinte.

Mediante um intérprete, disse-lhe que estava mandatado pelo governador-geral Fernão de Noronha, que representava naquela missão, para estabelecer novos acordos entre o Kassanje e a Coroa portuguesa. Informou-o ainda de que no seu regresso a Loanda desejava ser acompanhado por alguns emissários imbangalas que iriam assinar os termos desses novos acordos.

D. Pascoal Rodrigues dispensou à embaixada o seu melhor acolhimento, e percebendo a seriedade das circunstâncias e a importância do visitante, concordou com todos os termos enunciados por Galiano ao longo das conversações realizadas nos dias seguintes ao da sua chegada. Para celebrar a assinatura dos futuros acordos, o jaga ofereceu ao oficial e aos seus acompanhantes um banquete ao ar livre na sua banza real. Estava acompanhado por um enorme séquito, onde figuravam os seus macotas, tendalal, quijicos<sup>2</sup> e as suas esposas oficiais, em número de cerca de sessenta, bem como os filhos delas.

Malange a Ngonga, um negro de pele muito escura, alto e anguloso, vestia-se à moda europeia, calças e casaco confeccionados em ricos

---

<sup>1</sup> O reino de Portugal; também o seu representante, o governador-geral.

<sup>2</sup> Escravo, sujeito cativo.

tecidos, como símbolo do seu estatuto, e envergava um manto de veludo vermelho que lhe chegava aos pés. Cobrindo parcialmente a cabeleira já grisalha, o pormenor quase rocambolésco de uma imponente cartola também ao estilo europeu. Os seus súbditos trajavam segundo os costumes gentílicos, os homens com tangas de peles de animais abatidos em caçadas e as mulheres apresentavam-se com vistosas saias de pano de tons coloridos, as mais jovens com ligeiros saiotos de rafia, sem qualquer outra peça de vestuário. O jaga sentava-se num cadeirão tribal instalado sobre um estrado, tendo a seu lado as insígnias do jagado — uma espada, uma bandeira nacional e um documento com a sua nomeação oficial. Todo o cerimonial e pompa que o rodeavam eram, quanto a solenidade, dignos de qualquer soberano europeu. No banquete servido via-se, entre outras virtualhas, um boi inteiro assado num gigantesco espeto e o maluvo, o vinho de palma tão apreciado pelos jagas, corria a rodos.

«Felizmente», pensou Galiano durante o banquete, «D. Pascoal hoje não fez gala em servir também um escravo no espeto... Não sei se teria estômago para assistir a tal repastol!»

Normalmente a alimentação dos jagas resumia-se ao consumo de legumes e frutas, e apenas em ocasiões especiais, comiam carne de boi, porco, carneiro e caça e, por vezes, carne humana, como acontecia por altura das cerimónias do tâmbi<sup>1</sup> de um jaga falecido e também nas festividades do sambamento<sup>2</sup>. Então, sacrificavam um homem, escravo ou não, o nicango<sup>3</sup>, que era depois consumido por todos.

Depois de algumas horas de libação desenfreada, Malange a Ngonga e os seus mais directos súbditos estavam completamente embriagados, e não tardou que adormecessem no meio dos despojos do banquete real. Foi nesta ocasião que surgiu a Galiano a ideia de tomar por cativos alguns dos súbditos mais importantes, quiçá algum dos seus filhos ou das suas incontáveis esposas, num golpe que poria nas mãos dos portugueses alguma coisa verdadeiramente importante

---

<sup>1</sup> Cerimónia fúnebre por falecimento de alguém, óbito.

<sup>2</sup> Eleição do novo jaga.

<sup>3</sup> Vítima para o sacrifício.

para Malange a Ngonga, levando-o a perceber as consequências desagradáveis que resultariam de qualquer desconsideração sobre a importância do tratado que o oficial lhe trazia do governador. Por outro lado, na posse deste trunfo, seria possível mantê-lo com rédea curta, refreando-o quando voltasse a prevaricar e a cometer mais barbaridades. No meio dos súbditos capturados naquela noite figuravam vassallos do jaga, mas também um dos seus filhos e uma esposa, e ainda súbditos de outros chefes seus aliados.

Muito tempo depois, em Loanda, havia de pensar-se que Galiano organizara apenas uma nova razia para engrossar a coluna de escravos que transportaria no seu regresso mas, na verdade, ele acabou por capturar membros importantes da aristocracia africana, excedendo-se nos objectivos traçados e desvirtuando inapelavelmente as instruções recebidas do governador.

A operação de captura correu sem percalços. No final do banquete, todos os presentes em estado sóbrio se haviam retirado, recolhendo-se os familiares do jaga e figuras importantes do reino às suas dependências, onde foram capturados, e nem os gritos das mulheres apavoradas tiveram poder para acordar aqueles que dormiam no sítio onde se realizara o banquete, entre eles o próprio jaga e a sua guarda.

Seguiram-se dois incidentes com as forças portuguesas. No primeiro, atacaram as libatas<sup>1</sup> de dois régulos aliados do jaga, o soba mbondo Ndala Kissua e o soba Sabiango. Galiano escreveu mais tarde, no seu relatório, que esta havia sido uma exigência do próprio Malange a Ngonga, que lha pedira em segredo, para vingar a morte de dois comerciantes portugueses assassinados por ordem de Ndala Kissua e também para exercer represálias sobre estes sobas pelos numerosos assaltos, que perturbavam o normal funcionamento da feira. No outro incidente, o combate ocorreu em legítima defesa contra grupos hungus que atacaram a expedição.

\*

---

<sup>1</sup> Aldeias, conjunto de casas.

Agora, a coluna de prisioneiros manietados avançava penosamente pelas picadas do sertão, adensando as preocupações do jovem oficial, que sabia que, a qualquer momento, teria de enfrentar a milícia enviada pelo jaga em seu encalço, na defesa da sua honra, já que calculava pertencerem à sua família alguns dos prisioneiros. E a circunstância de uma parte das forças que constituíam a expedição inicial ter ficado na feira para defender os comerciantes portugueses ali residentes tornava ainda mais sombrio o resultado de um confronto naquelas condições de inferioridade numérica.

A caravana deteve a sua marcha junto às margens de uma lagoa. Os homens precisavam de descansar e mesmo os cativos já acusavam o desgaste da marcha forçada, por isso era necessário recuperar as forças para prosseguirem caminho. Velasco sabia que poderia manter a vantagem ganha até ali aos seus perseguidores, pois as viagens noturnas, mesmo em perseguição do inimigo, por maior que fosse a vontade de o fazer, esbarravam sempre no terror que os negros sentiam da escuridão, devido à superstição tradicional de encontros quase certos com os zumbis<sup>1</sup>, espíritos que vagueavam durante a noite, pelas florestas e descampados do sertão, exercendo os seus poderes sobrenaturais de encantamento e feitiços, em vinganças e castigos terríveis. Era o que lhes ensinava desde sempre a tradição oral.

Recolheu à tenda, entretanto montada no centro do acampamento improvisado, e ordenou a um soldado:

— Vai buscar aquela rapariga mais nova que está entre os prisioneiros do jaga e traz-ma cá!

Observou-a quando chegou. Era ainda uma adolescente, o corpo esbelto de gazela, os seios mal despontados, a pele de um ébano ave-ludado. Os olhos negros como tições, ligeiramente amendoados, fixavam o oficial, desafiantes. Tinha uma boca de lábios carnudos e o nariz pequeno e achatado. Como indumentária, envergava apenas o curto saiote de ráfia que vira nas raparigas mais jovens, fiadas de missangas cruzavam-lhe o tronco nu, e nos antebraços e nos tornozelos usava várias argolas de latão, que indicavam, por norma, a

---

<sup>1</sup> Ou cazumbi; espírito, fantasma.

riqueza da sua portadora ou a sua elevada posição social. O cabelo estava artisticamente entrançado com missangas coloridas e todo o conjunto era muitíssimo atraente. Tinha-a visto no banquete real, sentada muito próxima de Malange a Ngonga, presumindo que seria uma das suas concubinas.

A rapariga não esboçou qualquer movimento de resistência porque sabia instintivamente que seria em vão. E que se o fizesse seria castigada. Se tentasse a fuga, seria com grande probabilidade morta. Olhou o homem branco na sua frente sem mostrar acanhamento. Na sua atitude era manifesta a promessa de uma entrega sem resistência. Adivinhava no seu captor, ao observá-lo com demora na penumbra da tenda mal iluminada, a promessa de algumas horas de um prazer diferente do que sentia nas noites com o velho jaga, cansado e tantas vezes embriagado, brutal nas frequentes crises de impotência. Esperava que este jovem e bonito militar não fosse muito diferente daqueles de quem já ouvira falar, fogosos e possantes, apaixonados e resistentes. Submissa, e sem esperar que ele tomasse qualquer iniciativa, deitou-se no luando<sup>1</sup> estendido sobre o chão de terra batida e aguardou pela investida. Surpreendeu-se com a delicadeza dele, com as palavras e frases entrecortadas que não conseguia entender mas de significado óbvio e manteve-se silenciosa durante todo o tempo, interagindo sem dúvida com ele. Quando, por fim, o homem terminou, atirando-se de seguida, pesadamente, para o outro lado da esteira, onde adormeceu quase de imediato, a jovem arrastou-se para um canto da tenda e ali permaneceu encolhida sobre si mesma, até que as primeiras luzes da aurora começaram a penetrar pelos orifícios da lona. Podia, nesse instante, ter fugido e sub-repticiamente ter-se embrenhado no mato circundante, mas qualquer coisa a impediu. Acabou por dormir naquela posição, despertando com os ruídos dos homens que no exterior preparavam o reinício da caminhada de mais um dia.

Aos primeiros alvares a caravana reiniciou a marcha acelerada. Urgia retomar a fuga, antes de serem alcançados pelos guerreiros imbangalas. Atravessaram a vau pequenos cursos de água, e em breve

---

<sup>1</sup> Esteira de ráfia.

progrediam em floresta cerrada. A jovem negra havia sido novamente reunida aos restantes escravos, sem qualquer espécie de contemplação. Em aldeias encontradas no itinerário escolhido, reabasteciam-se de água e os aldeões, quando amistosos, forneciam-lhes carne proveniente das suas cabeças de gado, para se alimentarem durante as paragens que faziam, quase sempre ao cair da noite. Velasco decidiu que a alimentação dos escravos seria semelhante à de todos os outros homens da coluna fugitiva, em vez da já tradicional farinha de guerra<sup>1</sup>.

Durante cerca de uma semana, a quibuca percorreu grande parte da região que mediava entre o Kassanje e o presídio de Ambaka. Era intenção de Félix Velasco Galiano dispersar uma parte dos escravos, entre os quais os súbditos do jaga, por comerciantes estabelecidos naquela região. Acabou por considerar arriscada a viagem até Loanda com um contingente demasiado numeroso, o que viria a causar mais atrasos e aumentaria o risco de ser alcançado pelas forças de D. Pascoal Rodrigues. Por outro lado, sabia que mais tarde ou mais cedo estaria, em Loanda, uma embaixada imbangala a reclamar a devolução dos súbditos de Kassanje.

Malange a Ngonga não brincava. Se os seus guerreiros não tinham conseguido alcançar a quibuca para resolver logo ali, pela força das armas, o problema levantado com a captura dos seus súbditos, ou adoptando mesmo medidas mais radicais, como uma guerra que não favoreceria nenhuma das partes, poderia sempre deitar mão da sua habilidade de negociar directamente com o governador-geral. Este não iria recusar as suas razões, sabendo da influência que os jagas detinham junto da Coroa portuguesa, devido à sua posição privilegiada como tradicionais aliados e detentores da mais importante «fábrica» de escravos de todo o território angolano.

Velasco Galiano decidiu entregar uma determinada parte dos seus prisioneiros a um sertanejo<sup>2</sup> e comerciante brasileiro da sua confiança, estabelecido naquela região, com quem já havia negociado anteriormente, e que os iria manter a bom recato numa das fazendas do interior, em Ambaka ou no Golungo Alto. Aqueles escravos nunca

---

<sup>1</sup> Fuba, farinha de bombó.

<sup>2</sup> Comerciante do sertão.